

Folha de S. Paulo

15/7/1986

Efeitos de Leme

O inquérito sobre os acontecimentos de Leme, no interior de São Paulo, que provocaram a morte de dois bóias-frias, ainda não está encerrado, mas já se apontaram culpados a torto e a direito, para todos os gostos: o governo de São Paulo, a CUT, a PM, a UDR, o PMDB, agitadores infiltrados entre os grevistas e sabe-se lá quem mais.

Se não existissem os dois trabalhadores mortos e dezenas de pessoas feridas, a troca de acusações com finalidades notoriamente eleitoreiras, em torno do conflito de Leme, poderia até ser considerada cômica. Os acusadores perderam o senso de medida e cada um deles parece interessado apenas em pintar cartazes eleitorais, com o sangue das vítimas.

É fácil prever que tipo de inquérito haverá de realizar-se em tais condições, às vésperas da eleição do governador do Estado e dos parlamentares que vão elaborar a nova Constituição brasileira. Os candidatos que tiverem a desventura de pertencer a qualquer organização ou partido constante do rol de entidades suspeitas provavelmente pagarão por isso, ainda que nenhum deles tenha armado a mão que disparou os tiros assassinos, nas manifestações de Leme.

Nessas ocasiões, embora os diversos partidos existentes no país sejam frágeis e não consigam sequer impor aos correligionários os seus programas e princípios, dá para perceber quanto os eleitores são manipulados pelo sectarismo e pelo oportunismo.

Brasília

Esse é o aspecto sobre o qual as mortes dos bóias-frias de Leme também fazem pensar, além, é claro, do risco de que o sectarismo e o oportunismo acabem por impedir que os responsáveis pelos crimes ali ocorridos sejam convenientemente justificados.

Como todos os partidos mencionados nos incidentes de Leme têm dimensão nacional, os episódios dessa cidade, evidentemente, poderão até mesmo repercutir nos demais Estados assim, influir, de alguma forma, nas opções do eleitorado, no resto do país.

Portanto, podemos ter, nos governos estaduais ou no Congresso constituinte do próximo ano, um contingente de candidatos eleitos não porque seus respectivos partidos assumiram tais ou quais compromissos, mas por motivos bem menos relevantes.

Uns terão sido eleitos simplesmente porque deram a sorte de não estar na linha de tiro do conflito de Leme e, assim, seus nomes puderam ser poupados. Outros, porque se destacaram na exploração de temas emocionais, como as duas mortes ocorridas naquela cidade. Em ambos os casos, porém, não se pode dizer que os beneficiários de tal situação tenham, só por isso credenciais para bem governar ou para elaborar uma boa Constituição.

Rubem de Azevedo Lima

(Primeiro Caderno — Página 2)